

LEMBRANÇAS DE SCALABRINI

Em Novembro de 1868, fui convidado a pregar um curso de Exercícios Espirituais, de forma separada, nos dois seminários de Como: o teológico e o filosófico-secondário. Naquele tempo, hoje não sei, este último situava-se perto da histórica igreja de S. Abôndio. João Batista Scalabrini era professor e reitor, que eu conhecia apenas por causa da grande fama que gozava devido à sua inteligência e ação que desenvolvia. Se não erro, ele tinha uns 30 anos. Eu tinha completado 37 anos, e era então pároco de Lovere. Os nossos encontros, conversas e afinidades eram uma coisa só na amizade íntima; uma amizade tão leal, afetuosa, próxima que permaneceu inalterada até Junho do ano passado, quando Scalabrini passou da terra para o céu. Oh, como eram lindas as tertúlias, os belos colóquios em S. Abôndio! Participavam, em geral, seis ou sete professores, jovens, repletos de vida, de inteligência, cultos, ansiosos por lançar-se no campo da ação sacerdotal. Nunca esqueci esses momentos!



A nossa amizade mantinha-se genuína e crescia graças à correspondência periódica e muito interessante através da qual comunicávamos as nossas idéias, esperanças, temores e alegrias com a santa liberdade que não tem segredos.

Enquanto eu era nomeado bispo de Cremona, poucos anos depois ele era também nomeado bispo de Piacenza. A Providência aproximou-nos um do outro e as nossas relações através de cartas e visitas recíprocas tornaram-se frequentes e, sempre que era possível, tornava-se mais íntima aquela amizade sobre a qual, durante 35 anos, nunca pairou a mais leve névem. Entre nós não havia segredos e não havia a menor suspeição: ele, o amigo, lia no meu coração o que eu igualmente lia no dele, ao ponto de achar que dificilmente dois amigos consigam experimentar tanta comunhão como acontecia connosco. Esta amizade, apesar de tão íntima, não prejudicava a liberdade de pensar e agir sobre os vários pontos. Pelo contrário, tornava-a mais suave e sólida, heróica na necessidade. Dom Scalabrini deu-me prova disso nos repetidos e sublimes momentos de dificuldade. Todas as vezes que conversava com aquela alma eleita, eu descobria novas qualidades e sempre novas virtudes que me apareciam como invulgarmente grandes.

Deus dotou-o de uma inteligência pronta, versátil, aguda, transparente e vasta; e, qualquer que fosse a ciência a que se dedicasse, obtinha êxito sem dificuldade que mesmo as questões mais árduas da Filosofia, Teologia, História, Política eram, por ele, tratadas e desenvolvidas com uma tal segurança e clareza que me deixavam deveras admirado; parecia que sobre todas tivesse realizado estudos específicos. Conhecia a língua latina e grega não apenas para as entender, mas escrevia de forma correta e elegante: falava francês e espanhol, e compreendia perfeitamente o inglês e alemão.

Dom Scalabrini, fosse qual fosse a conversação e discussão em que se via envolvido era homem para manter bem alta a honra do episcopado e a religião, ao ponto de saber impor o respeito dos

menos benevolentes. Homem repleto duma dignidade amável, pronto, argucioso, transparente na exposição das suas ideias, franco, sempre coerente, amava acima de tudo a verdade, sem olhar a quem quer que fosse. Sabia conjugar, com arte admirável, a firmeza inquebrantável com a condescendência e flexibilidade que as coisas humanas sempre exigem e que obtêm resultados nas situações mais árduas. Eu próprio me encontrei com ele em momentos tão escabrosos e dolorosos que me custa falar deles. Da boca dele nunca saiu uma única palavra de desencorajamento, uma expressão menos cuidada, uma lamentação. Sempre sossegado e senhor de si parecia não tratar-se de dores suas, mas de outros.

Se bem que era alta a inteligência, bem mais alto era o seu coração. Não sabia senão amar, querer o bem, todo o bem e o bem para todos, com uma generosidade e largura maravilhosas: não conhecia o interesse; recebia para dar e, durante o seu episcopado, comprido, mas breve para um homem assim, o que ele não fez? Quantas obras, quantas iniciativas na cidade, na diocese e fora dela, ele soube iniciar e bem concluir!

Nunca se lembrava das ofensas: para ele não tinham importância alguma e retribuía com atos generosos, com benefícios de tal maneira que era visível não lhe custarem o mais leve sacrifício. Que alma nobre, generosa e heróica! Nunca conheci em toda a minha vida um homem tão indiferente, tão alheio a honras como Scalabrini. A habilidade, a doutrina, a extraordinária atividade, o sentido prático, as obras realizadas e virtudes sublimes, de que era dotado, o destinavam às maiores honras da Igreja. Porém, nunca ousou dizer uma palavra, fazer o que quer que fosse para facilitar o caminho para as atingir: antes, pelo contrário, falou e agiu muitas vezes de maneira a mostrar que não apreciava honras e chegou até a decliná-las.

Fiel à amizade até ao heroísmo, não hesitava um instante em defender imediatamente um amigo, a enfrentar adversidades, a desafiar perigos para lhe prestar o auxílio necessário.

Em toda a sua vida, D. Scalabrini testemunha o modelo do bispo, especialmente para este nosso tempo que ele conheceu perfeitamente. Quantas vezes, em certos dias, em determinadas horas, recordo a mim mesmo as conversas que mantive com ele, as iluminações, os conselhos, o conforto que dele sempre usufruí! Como ele conhecia bem a sociedade moderna, as necessidades da Igreja e os meios para reparar as ruínas morais e religiosas que a indiferença e a incredulidade iam acumulando!

Ó alma eleita e santa, que combateste o bom combate; que chegaste ao fim do teu caminho; que deixaste na terra uma marca tão vasta e luminosa da tua passagem; que espalhaste com abundância a fragrância de Cristo, e agora descansas em Deus e d'Ele gozas, olha para nós que lutamos neste campo de batalha e permite que sejamos fiéis à nossa missão andando sempre pelos caminhos que tu próprio percorreste com glória imensa!

+ JEREMIAS BONOMELLI,
Cremona, Italia, 12 de Maio de 1906.